

**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE SÃO JOSÉ
CENTRO UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

DAIANY PORTELA

**FILOSOFIA MONTESSORI: o desenvolvimento da individualidade da
criança**

**SÃO JOSÉ
2013**

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE SÃO JOSÉ
CENTRO UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA

DAIANY PORTELA

**FILOSOFIA MONTESSORI: o desenvolvimento da individualidade da
criança**

Trabalho elaborado para a disciplina de
Conclusão de Curso (TCC II) do Curso
de Pedagogia, como requisito parcial
para curso de graduação em Pedagogia
do Centro Universitário Municipal de
São José- USJ.

Orientadora: Profa. Msc. Keila Cristina
Arruda Villamayor Gonzalez

SÃO JOSÉ

2013

DAIANY PORTELA

**FILOSOFIA MONTESSORI: o desenvolvimento da individualidade da
criança**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito parcial para
obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário
Municipal de São José – USJ avaliado pela seguinte banca examinadora:

Profa. Msc. Keila Cristina Arruda
Villamayor Gonzalez
Orientadora

Profa. Dra. Izabel Cristina
Feijó Andrade
Membro Examinadora

Profa. Msc. Arlete de Costa Pereira
Membro Examinadora

São José, 26 de junho de 2013.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que me deu força e sabedoria para concluir meus objetivos durante minha caminhada acadêmica.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram, me deram força e muito amor.

A minhas orientadoras, Simone Ballmann e Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez, pela excelente orientação, dedicação e profissionalismo.

A todos os mestres e doutores do Centro Universitário Municipal de São José, que contribuíram para a minha formação e para meu aprendizado. Agradeço a todos de coração, muito obrigada!

“Realmente, é difícil admitir que a vida, com todos os seus fenômenos, tem a sua autonomia, e que para estudá-los, intuir-lhes os segredos, é necessário observá-la, sem interferir” (MONTESSORI, 1965, p. 45).

RESUMO

O presente trabalho do curso de pedagogia apresenta o tema “FILOSOFIA MONTESSORI: o desenvolvimento da individualidade da criança”. Com o intuito de pesquisar um dos principais focos da filosofia de Maria Montessori, o de proporcionar autonomia e liberdade às crianças, para que assim haja a independência e o senso de responsabilidade. Nesta pesquisa são apresentados vida, obra da educadora e pressupostos da filosofia montessoriana. Aborda-se a individualidade no cotidiano de uma turma com 17 crianças com idades entre três e seis anos, verificam-se quais estratégias e materiais são utilizados dentro de uma classe, embasados na perspectiva montessoriana. Através de uma pesquisa bibliográfica fundamentada nas obras de Montessori e demais estudiosos e uma pesquisa de campo, de forma não participativa, em uma escola que segue a filosofia montessoriana, investiga-se como se dá o processo de individualidade no espaço escolar e qual a qualificação do profissional da educação para atuar dentro deste espaço montessoriano. Como resultados foi perceptível visualizar o desenvolvimento da autonomia dentro de um ambiente cientificamente preparado, visando sempre a independência das crianças com materiais didáticos no qual a criança pode escolher o que deseja explorar.

Palavras-chave: Individualidade. Filosofia montessoriana. Criança.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Maria Montessori com uma criança.....	11
Figura 2 – Casa dei Bambini.....	14
Figura 3 – A História do Universo.....	19
Figura 4 – Classe Montessori.....	26
Figura 5 – Bulbo de Montessori: Planos do desenvolvimento.....	28
Figura 6 – Criança de 3 anos fazendo uma atividade de vida prática - limpando o vidro.....	32
Figura 7 – Mobiliário proporcional ao tamanho da criança.....	34
Figura 8 – Criança de 4 anos cortando laranja para fazer suco e compartilhar com os demais.....	35
Figura 9 – Criança lavando sua colher e pote após o lanche.....	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PROBLEMA DA PESQUISA.....	11
3 OBJETIVOS.....	13
3.1 OBJETIVO GERAL.....	13
3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	13
4 JUSTIFICATIVA.....	14
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
5.1 BIOGRAFIA.....	16
5.2 FILOSOFIA.....	20
5.2.1 Educação cósmica.....	23
5.2.2 Autoeducação.....	25
5.2.3 Individualidade ou individualismo?.....	25
5.3 AMBIENTE ESCOLAR.....	28
5.4 O PAPEL DO PROFESSOR.....	31
5.5 A CRIANÇA.....	32
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	35
7. ANÁLISE DE DADOS.....	38
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
10. APÊNDICE.....	56
11. ANEXO.....	65

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma pesquisa do curso de graduação em pedagogia, do Centro Universitário Municipal de São José, sobre a individualidade da criança na filosofia montessoriana.

A escola tem grande influência sobre o ser humano, afinal, grande parte da população passa anos de sua vida dentro desta instituição. É por meio da educação que podemos desenvolver seres humanos mais conscientes. A educação possibilita a ampliação do olhar e dos conhecimentos, serve como base de exemplo de cidadania e como aprendizado que promove o desenvolvimento mais consciente e íntegro dos sujeitos.

Nesse sentido, o sistema Montessori se destaca ao propor uma educação de qualidade cujo intuito é o de que o sujeito exerça sua cidadania.

De acordo com Montessori, é na infância que o homem constrói seu caráter, sua personalidade, sua autonomia e absorve com facilidade tudo o que se passa ao seu redor. A qualificação do professor é fundamental para conduzir os educandos ao sucesso educacional, social e pessoal.

Maria Montessori foi pioneira ao pensar numa educação inovadora, pois em seu tempo as escolas não permitiam que a criança agisse com autonomia, contrapondo uma “ideologia antagônica com estruturas políticas centradas na imposição da força e aprisionamento de informações” (ANTUNES, 2008, p. 62). Até hoje sua filosofia e suas concepções são motivo de apreciação, críticas e discordâncias. Suas pesquisas revolucionaram as perspectivas depositadas em uma mulher perante a sociedade de sua época e seu método de trabalho inovou a educação e as visões/percepções sobre o desenvolvimento do ser humano.

De acordo com Sassá (2010, p. 11), na revista Educação na Prática, cada vez mais cresce o número de escolas, em inúmeros países, que se baseiam no método montessoriano. No dicionário Aurélio (2008, p. 552), conceitua-se método como “procedimento organizado que conduz a um certo resultado”. O método vai além desta perspectiva ao ser embasado em uma filosofia que concebe o processo educativo como parte da relação do indivíduo

com o cosmo¹, por isso, necessita ser constantemente atualizado e aprimorado.

Em uma escola Montessori a criança é estimulada desde os seus primeiros meses de vida para que possa se desenvolver integralmente. Uma criança que não é estimulada a desenvolver suas principais habilidades, segundo Heckman (2009, p. 1),

terá, certamente, mais dificuldade de assimilar tais conhecimentos. Os números são espantosos. Uma criança de 8 anos que recebeu estímulos cognitivos aos 3 conta com um vocabulário de cerca de 12000 palavras – o triplo do de um aluno sem a mesma base precoce. E a tendência é que essa diferença se agrave. Faz sentido. Como esperar que alguém que domine tão poucas palavras consiga aprender as estruturas mais complexas de uma língua, necessárias para o aprendizado de qualquer disciplina? Por isso as lacunas da primeira infância atrapalham tanto. Sempre as comparo aos alicerces de um prédio. Se a base for ruim, o edifício desmoronará.

O presente trabalho tem como objetivo mostrar um caminho pedagógico que possibilite o trabalho heterogêneo com as crianças, servindo de reflexão aos professores que acreditam que a escola possa fazer diferente, respeitando as singularidades de cada sujeito que por ela passa e que, concomitantemente, contribua para a formação cidadã do indivíduo.

¹ cosmos significa ordem, em oposição a caos, estimulando sua imaginação e evidenciando que tudo no universo tem sua tarefa e que o ser humano deve ser consciente de seu papel cósmico.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

O sistema Montessori tem como finalidade o desenvolvimento integral de cada indivíduo, considerando como desenvolvimento integral a junção dos aspectos psíquico, motor e sensorial que constituem o sujeito por inteiro, no sentido de buscar a integralidade dos mesmos.

O ambiente escolar é preparado proporcionalmente ao tamanho das crianças e para as crianças, sendo o mais familiar possível. De forma tranquila, organizada e estimulante, com vários materiais educativos disponíveis, a criança de 0 a 6 anos tem a oportunidade de escolher o que deseja realizar neste ambiente, suprimindo suas necessidades cognitiva, motora, sensorial, espiritual e afetiva. Portanto, é um local onde a criança aprende com suas próprias experiências e com o auxílio do professor quando necessário.

A característica fundamental de programa pedagógico de uma escola montessoriana é a de que “ele dá igual importância ao desenvolvimento interno e ao desenvolvimento externo, organizados de forma a se complementarem” (ROHERS, 2010. p. 17), desde que este desenvolvimento se constitua na liberdade e que permita a plena propagação da individualidade e de sua autoformação.

Externando suas críticas, alguns estudiosos, como as irmãs Carolina Agazzi e Rosa Agazzi (pedagogas italianas), são contra a individualidade proposta por Montessori. Elas questionam a falta de socialização entre as crianças, o que pode desenvolver crianças egoístas e antissociais. Porém, não se deve confundir individualidade com individualismo, refiro-me a individualidade no sentido de garantir as necessidades específicas de cada sujeito e refiro-me a individualismo no sentido de um sujeito que não partilha, que particulariza algo que é coletivo. Segundo Antunes (2008, p. 64):

as críticas mais comuns se dirigem ao material específico que é utilizado e também quanto a autonomia do trabalho do professor (...). O trabalho do professor é norteado pelo excesso de metodismo e pela rigidez dos procedimentos em se adaptar as idéias aos recursos materiais e do restrito espaço para aceitar a espontaneidade dos alunos.

Diante dos posicionamentos apresentados, procurei aproximar-me do cotidiano de uma escola montessoriana para observar e analisar o papel da individualidade da criança e o papel do professor nessa perspectiva.

A individualidade requer a percepção da singularidade das crianças em sala de aula, pois cada indivíduo tem suas próprias peculiaridades, as quais serão o foco deste trabalho.

Dessa forma, pretendi responder à seguinte questão de pesquisa:

- como a criança desenvolve sua individualidade no ambiente montessoriano?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Identificar como a criança desenvolve a sua individualidade numa classe montessoriana.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a biografia da Dra. Maria Montessori.
- Descrever os pressupostos da filosofia montessoriana.
- Descrever como é preparada uma classe montessoriana.
- Definir individualidade e individualismo.

4 JUSTIFICATIVA

Busquei este tema, pois me encantei com a filosofia de Maria Montessori, que dedicou sua vida à educação. Mesmo depois de muitos anos de sua criação, o sistema montessoriano continua sendo uma possibilidade de educação voltada para a formação dos sujeitos e que se apresenta de forma considerada não tradicional.

Durante o Curso de Pedagogia, tive a chance de conhecer alguns estudiosos e métodos no campo da educação infantil, dentre eles, o sistema Montessori, que me oportunizou conhecer uma perspectiva educacional diferenciada, em que o ambiente escolar é motivador e adequado para receber as crianças.

O desejo de aprofundar meus estudos sobre este sistema iniciou-se em 2012, ao estagiar em um colégio de rede privada que tem como filosofia o sistema montessoriano, com a função de professora auxiliar. Na ocasião, tive a atenção despertada pelos materiais científicos, sua variedade e diversidade, sua finalidade e potencial, e pela possibilidade que cada criança tem de escolher o material a ser trabalhado, de forma organizada e espontânea.

Assim, numa classe montessoriana, várias crianças realizam atividades diferentes, num ambiente de concentração e silêncio. O sistema foge do tradicionalismo que pude vivenciar em outras escolas em que estagiei ou nas quais já estudei em minha infância. Numa escola montessoriana, os ritmos de aprendizagem são considerados cotidianamente.

Montessori (1932) enfatizava que um ambiente propício para o aprendizado da criança “provoca a autoeducação”, que ocorre por meio dos materiais concretos, do controle de erro² proporcionado pelos mesmos, o que permite à criança avaliar se sua tarefa está correta ou não, do desenvolvimento dos sentidos e do senso de responsabilidade com o ambiente coletivo. O professor tem o importante papel de orientar, observar e preparar este ambiente, no intuito de desenvolver as potencialidades criativas desde a primeira infância.

² De acordo com Montessori, é a possibilidade que o material dá à criança de autocorrigir seu trabalho, com isso, o professor não tem a necessidade de corrigir o indivíduo.

O tema abordado contribui para que o professor perceba a sala de aula de modo heterogêneo, no sentido de observar cada criança de forma singular, podendo orientar a particularidade de cada sujeito, pois ao mesmo tempo em que a criança vive em uma comunidade grande, cada uma é vista como um ser, num universo único.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 BIOGRAFIA



Figura 1 – Maria Montessori com uma criança

Maria Montessori nasceu no dia 31 de agosto de 1870, ano da Unificação da Itália. Viveu na época em que ocorreram as duas grandes guerras mundiais. Neste período havia também um conflito na Itália entre a Igreja e o Estado. Montessori morou durante sua infância na cidade de Chiaravalle, província de Ancona, Itália.

Seus pais eram Alessandro Montessori, militar e político bem sucedido com temperamento conservador, e Renilde Stoppani, dona de casa, mulher muito educada e estudiosa. A família Montessori vivia numa cidade onde a maior parte da população era analfabeta e, ao decidirem mudar para Roma, ofereceram melhores oportunidades para a formação de Maria, filha única, considerada uma menina interessada em mudanças e autoconfiante.

Assim, proveniente da classe média, Maria Montessori “encontrou na família lastro cultural e financeiro para investir em sua formação e tornar-se uma árdua defensora de seus princípios, posicionamentos e direitos como ser humano e mulher” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007, p. 99).

A jovem estudante interessou-se pelo curso de engenharia, pois sentia afinidade com a área de ciências exatas. Porém, seus pais não eram a favor deste curso, pois era algo masculino para a época e gostariam que sua filha

seguisse a profissão de professora. Para alívio de seus pais, Maria demonstrou depreciação pela área de engenharia enquanto cursava ciências contábeis. Então, decidida a trabalhar com pessoas, iniciou o curso de Medicina e Cirurgia na Universidade de Roma, porém, por ser uma atividade masculina, não podia assistir às aulas junto com seus colegas. Com muito esforço tornou-se a primeira médica italiana, em 29 de julho de 1896, aos 26 anos.

Foi considerada uma acadêmica extraordinária e, em consequência, “recebeu bolsas de estudos que lhe permitiram se tornar financeiramente independente do pai” (SASSÁ, 2010, p. 7).

Montessori era uma mulher além da sua época, audaciosa e revolucionária. Sua vida foi “marcada por sofridas conquistas, definidas por uma ousadia transgressora de seu tempo sociocultural, político e científico.” (OLIVEIRA, 2007, p. 99).

Seus triunfos tornaram-na conhecida na Itália e foi convidada a representar seu país em um congresso internacional em defesa dos direitos das mulheres. Sua fama começou a se espalhar internacionalmente.

Após formar-se, foi convidada a trabalhar como médica assistente em uma clínica psiquiátrica da Universidade de Roma, com crianças com deficiência mental. O local onde as crianças se encontravam era muito precário, sem estrutura e sem recursos para o desenvolvimento delas. Percebia-se que estavam excluídas do mundo social, que não havia qualquer expectativa quanto a elas.

Depois de realizar muitas pesquisas, a médica italiana transformou a sala de aula em uma atividade de observação e pesquisa científica. Segundo Oliveira-Formosinho (2007), a sala de aula deve ser cientificamente preparada para prover às necessidades de cada indivíduo. Com estas pesquisas, “Montessori desenvolveu o método da educação moral para crianças anormais (deficientes), apresentado com sucesso no Congresso Pedagógico de Turim, em 1898.” (Idem, p.101).

Maria ministrou cursos de formação para professores, “a quem sempre dedicou atenção especial na definição do papel que deveriam assumir frente às crianças, fossem elas anormais ou não” (Op. cit, p. 101). Concluiu a médica que seu método pedagógico poderia ser aplicado para todas as crianças, pois “o pressuposto básico de sua pedagogia assenta-se na tese de que entre

crianças deficientes e anormais existiria uma correspondência de comportamentos, respostas que ocorreriam apenas em momentos e ritmos diferentes” (Op. Cit., p. 101).

Após o congresso, foi inaugurada a Escola Magistral Ortofrênica, administrada habilmente por Montessori e utilizada como um campo de aplicação prática da teoria desenvolvida por Jean Marc Gaspard Itard³. Seu trabalho com as crianças com deficiência mental na Escola Ortofrênica fez com que Montessori se voltasse para a pedagogia.

Durante seus dois anos de dedicação à escola, algumas crianças apresentaram grande desenvolvimento, tanto que, ao realizarem o exame da escola pública, foram aprovadas juntamente com os outros alunos que não apresentavam nenhuma deficiência.

Na ocasião, Montessori (1965, p.33) “afirmou que sabia que se esses deficientes haviam alcançado os escolares normais nos exames públicos era unicamente pelo fato de haverem sido conduzidos de um modo diferente: tinham sido auxiliados no seu desenvolvimento psíquico, enquanto as crianças normais haviam sido sufocadas e deprimidas”.

Posteriormente, formou-se em Filosofia e Psicologia Experimental, realizando pesquisas a respeito da Antropologia pedagógica, publicando, no ano de 1904, o livro Antropologia Pedagógica.

Conforme Oliveira-Formosinho (2007, p. 103), após diplomar-se em medicina, engravidou de um colega de profissão, o médico Montesano, com quem teve um relacionamento de dois anos, em sigilo, enquanto trabalhavam na Escola Ortofrênica. O mesmo não quis casar-se e nem assumir a criança. Aconselhada por sua mãe, entregou seu filho Mário Montessori a outra família para que o criasse e assim não houvesse nenhum escândalo. No entanto, visitava-o sempre que podia.

Em 06 de janeiro de 1907, após afastar-se da Escola Ortofrênica, Montessori inaugurou a primeira “Casa dei Bambini” da Vila de San Lorenzo, localizada em uma região desfavorecida em Roma.

³ ITARD-(1774 – 1838), grande pesquisador do aprendizado infantil, sobretudo de crianças com deficiências, realizando pesquisa para ajudar as crianças no hospital psiquiátrico. Itard havia adotado um menino que ficou conhecido como o selvagem de Aveyron (1788–1828), por conviver em uma matilha de lobos até os 12 anos.

De acordo com a autora citada (Idem, 2007), os alunos eram filhos de operários que ficavam vagando nas ruas em situações precárias enquanto seus pais trabalhavam. A classe era composta por dois adultos e cinquenta crianças de até seis anos que, segundo Montessori (s/d, p.110-111):

Eram crianças chorosas e amedrontadas, tão tímidas que era impossível falar com elas. Seus rostos eram inexpressivos e os olhares tão perplexos como se não tivessem visto nada na vida. Eram crianças muito pobres, abandonadas, que haviam crescido em cortiços escuros e caindo aos pedaços, de bairros miseráveis, onde não havia nada para estimular a inteligência nem cuidados (...). Não era preciso ser médico para perceber que elas tinham necessidade urgente de alimentação, ar livre e sol.

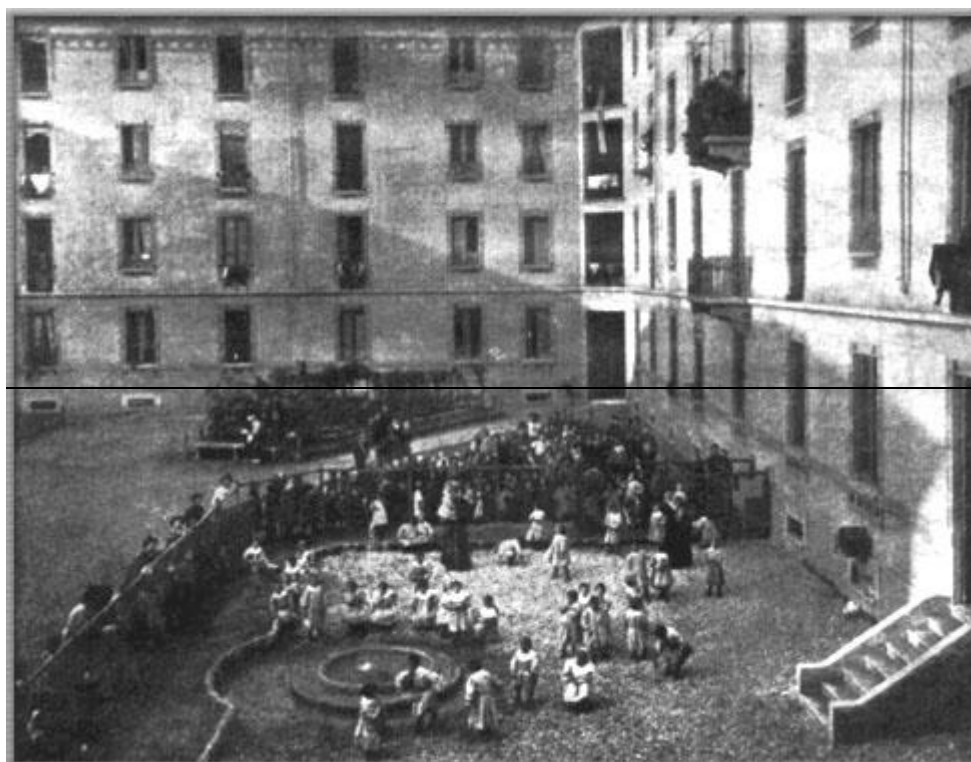


Figura 2 - Casa dei Bambini

Logo, outras Casa dei Bambini foram abertas em Roma e Milão. Montessori modificou a relação entre professor e educando, rompendo com o modo tradicional que um professor usava para relacionar-se ao educar uma criança, adotando um modo unificado para todas as crianças, que não possibilite a especificidade de cada ser.

Em 1913, foi realizado o Primeiro Curso Internacional sobre o método Montessori, em Roma, para estudantes de vários países. Mais tarde, surgiu o Comitê Nacional Montessori (1929), difundindo cada vez mais o sistema. Mas o fascismo, partido italiano de extrema-direita que não aceitava inovações e que

primava pela relação de autoritarismo, forçou Maria Montessori a deixar o país. Entretanto, sua pedagogia difundiu-se na Itália e proliferou em outros países, como Estados Unidos, Espanha, Índia, Portugal, onde suas obras foram traduzidas.

Exilada pelos fascistas, refugiou-se na Espanha levando consigo seu filho Mário, que se tornou um grande seguidor e companheiro. Impedida de voltar à Itália visitou alguns países, como Índia, Inglaterra, Holanda e Estados Unidos, continuando a disseminar sua filosofia. Em suas viagens conheceu Mahatma Gandhi⁴, um dos ícones mais importantes do cenário hindu, e “sugeriu a necessidade de educar todo o povo, sobretudo a casta dos intocáveis” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007, p. 103).

Somente em 1947, após o término da guerra, Montessori foi convidada pelo governo italiano a retornar ao seu país de origem.

Em 1950, com oitenta anos, Montessori trabalhou junto com a UNESCO contra o analfabetismo. Dedicou-se à educação para a paz, sendo indicada por duas vezes ao Prêmio Nobel da Paz (1948 e 1949).

Faleceu na Holanda, em 06 de maio de 1952, aos oitenta e dois anos, vítima de um colapso súbito. Enterrada na cidade de Noordwijk, “os despojos de Maria Montessori encontram-se num pequeno cemitério católico de crianças” (MACHADO, 1986, p. 6), atendendo ao seu pedido de deixá-la ser enterrada no local em que morresse.

5.2 FILOSOFIA

Nas palavras de Almeida (1997, p. 1), “criado pela Dra. Maria Montessori e iniciado na Itália em 1907, o método é, hoje, utilizado com sucesso em várias partes do mundo.” Montessori deu início a sua pesquisa enquanto trabalhava na Clínica Psiquiátrica na Universidade de Medicina. Lá, iniciou um trabalho de observação com as crianças diagnosticadas com deficiência mental e sinalizou que mais que um acompanhamento médico, havia uma carência pedagógica.

⁴ GANDHI-(1869 – 1948), nascido na Índia, pertencia a uma família de comerciantes, no entanto, abriu mão de sua riqueza e lutou pela igualdade e a independência da Índia.

As obras de Itard e Séguin⁵, estudiosos em educação para crianças deficientes, serviram de auxílio e inspiração para que a doutora realizasse pesquisas e confeccionasse materiais didáticos de cunho científico para seus educandos, alguns deles por meio do que se pode denominar de materiais alternativos (torre rosa, escada marrom, entre outros).

Trabalhando com os materiais concretos, percebeu que as crianças respondiam com rapidez e de forma prazerosa aos estímulos, praticando variadas atividades no intuito de desenvolver a coordenação motora, cognitiva, afetividade e autonomia. De acordo com Sônia Branco (2010, p.52):

Sua filosofia é só um começo, um estímulo à busca de respostas para a educação e para a vida da criança, que deve vivenciar suas próprias experiências e não aprender apenas com o conhecimento dos adultos.

Montessori acreditava que o meio tinha grande influência no aprendizado da criança. Mais tarde, conseguiu colocar sua teoria em prática, “transformando a sala de aula em uma espécie de laboratório” (SASSÁ, 2010, p. 14) que chamou de Casa dei Bambini ou Casa das Crianças, traduzindo para o português. Lá as crianças eram estimuladas por meio dos materiais científicos especialmente desenvolvidos para explorar seus potenciais e aprender descobrindo o “mundo” com suas próprias mãos.

Para Montessori (1985), é a mão que instiga a atenção da consciência, pois a criança, com pouco tempo de vida, já possui o ato de prender suas mãos em algo ao seu redor. Com o passar dos meses esse ato passa de inconsciente para consciente. Ao dominar seus movimentos e começar a operar, desenvolve suas habilidades, que progredirão ao longo do percurso, no qual “a mão trabalha e a mente guia-o no trabalho” (Idem, p. 223).

Assim, a criança deixa de ser dependente do adulto para começar a agir e desse modo, “tão logo tenha conquistado a independência das funções, o adulto que deseja continuar ajudando-a acaba se transformando num obstáculo para ela” (Idem, p. 175). Utilizando os sentidos e o movimento ela descobre, experimenta e desenvolve a inteligência, sendo comprovada a importância de um ambiente preparado que favoreça o trabalho da criança: no observar,

⁵ SÉGUIN-(1812 – 1880), Médico e educador francês. Discípulo de Itard estudou crianças que apresentavam deficiências cognitivas.

pesquisar, elaborar e construir o conhecimento de forma prazerosa, para construir-se como pessoa em seus vários aspectos.

Em síntese, “Montessori defendia que o objetivo da Educação jamais poderia ser encontrado fora da criança, ao contrário, deveria ser buscado dentro dela, na força que impulsiona e sustenta todo o seu trabalho de autoformação e construção” (SASSÁ, 2010, p. 16).

A filosofia montessoriana tem como princípios a educação cósmica, a educação como ciência, a educação para a paz e a autoeducação, sendo a base para uma educação plena com o intuito de promover uma ajuda à vida. Para isso, requer liberdade, na qual cada criança possa desenvolver a autonomia e ser ela própria.

No entanto, esta liberdade deve existir sob a orientação do professor, para que haja a sociabilidade e o respeito à liberdade alheia, e para que assim não se prejudique o coletivo e se constitua uma disciplina espontânea.

Segundo Machado (1986, p.33), para Maria Montessori, “a pedagogia científica significa a pesquisa e a adequação das condições que asseguram à criança a livre expansão do seu ser, no sentido de plenitude de sua natureza.” A formação da estrutura psíquica desenvolve-se a partir de uma força interior, que se inicia em seu nascimento.

A escola deve estar preparada para conceber um novo sujeito, que vive em determinado momento histórico e acompanha as transformações do seu tempo. Por isso, além de uma função pedagógica, o sistema montessoriano tem o papel fundamental de agregar valores éticos, compromisso social, estimular a conscientização ecológica, a solidariedade, o respeito às diferenças, a generosidade, os cuidados com corpo, mente e espírito, no intuito de promover a paz buscando o aprimoramento de uma humanidade melhor e consciente de seu papel no mundo.

Através de muitas pesquisas e observações na prática, Montessori apresentou uma nova proposta de escola, por meio da qual defendia que a educação deve possibilitar que crianças e jovens participem ativamente na sociedade e desenvolvam seus potenciais de forma ampla.

A escola montessoriana deve ter um ambiente adequado e motivador, dispor de materiais cientificamente preparados para desenvolver a potencialidade de cada sujeito, respeitando sua livre expressividade, e contar

com professores observadores, com espírito científico. Nela, a criança deve ser vista como um ser completo e não como uma folha em branco a ser preenchida. Montessori (2004, p. 48) afirmou:

A criança é dotada de poderes, de uma sensibilidade e de um instinto criador que ainda não foram reconhecidos e utilizados. Para se desenvolver, ela precisa de um campo de possibilidades bem mais vasto do que o que lhe foi oferecido até agora. Não nos é necessário modificar toda a estrutura educativa para atingir esse objetivo? Nossa sociedade deve reconhecer plenamente os direitos sociais da criança e construir, para ela e para o adolescente, um mundo que lhes permita desenvolverem-se espiritualmente.

Entretanto, a pesquisadora italiana considerava seu método inacabado. Ela dizia que “toda proposta educativa deixa de ser válida se permanece tal e qual foi apresentada nos seus primórdios” (MONTESSORI, s/d, apud SEBARROJA, 2003, p.11). Enfatizava, dessa forma, que suas teorias, assim como as de outros pesquisadores, devem sempre ser renovadas de acordo com o contexto vivido.

A seguir estão elencados e conceituados alguns dos princípios montessorianos.

5.2.1 Educação cósmica

Segundo Fonseca (2002), a Educação Cósmica é adquirir uma visão do Todo. Esta educação é obtida por meio de certo tipo de informação, é intuitiva, e está baseada na experiência da realidade direta, não de forma intelectual, mas abrangente, proporcionando um conhecimento e conscientização ecológica. Em outras palavras,

A Educação Cósmica é um dos pilares do Sistema Educacional criado por Maria Montessori. Esse pilar sensibiliza o homem a respeitar a natureza e perceber a interdependência entre os elementos do universo, entendendo que a união de todos garantirá uma vida equilibrada à humanidade. Com esta visão do Plano Cósmico Montessori antevê o surgimento de um Novo Homem que participando ativa e conscientemente da sociedade, assume a responsabilidade de autor de sua história da humanidade. (FERNANDA, 2012, p.1).

Conforme a imagem que segue, Montessori organizou a forma de ser aplicada a educação cósmica partindo do universal para o peculiar.



Figura 3 – A História do Universo.

Por meio do currículo da Educação Cósmica a criança pode compreender e contemplar com fascinação a unidade e a regularidade dos eventos universais, valorizando suas leis.

No entendimento de Grazzini (2001, p.12), “a mesma desenvolverá uma espécie de filosofia que lhe ensina a unidade do universo. Isto é o mesmo que organizar sua inteligência e dar-lhe um melhor insight de seu próprio lugar e tarefa no mundo”. Durante o desenvolvimento de sua pedagogia científica, Montessori ressalta cada ser como um elemento cósmico, no qual “se percebe como parte integrante do Universo e, como tal, descobre que tem uma tarefa a cumprir, com respeito e responsabilidade, para o equilíbrio do mundo físico e social” (BRANCO, 2010, p. 52).

5.2.2 Autoeducação

A autoeducação é a capacidade de o sujeito buscar, através de seu próprio êxito, o seu aprendizado. A autoeducação “acolhe livremente as suas ocupações e os seus movimentos, buscando na multiplicidade das situações ambientais aquelas que são favoráveis ao seu desenvolvimento e à organização da sua personalidade” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007, p.126).

Esta aprendizagem é realizada, sobretudo, por meio das atividades e pelo uso dos materiais científicos, nos quais o nível de dificuldade cresce de acordo com a evolução da criança. Assim explica a educadora italiana:

O nosso material tem a particularidade de oferecer um controle de erro muito visível e tangível; uma criança de dois anos pode usá-lo, adquirir a noção do controle do erro e encaminhar-se para o aperfeiçoamento. Com uma prática diária de tais exercícios ela adquire a possibilidade de corrigir os erros e de se tornar segura de si mesma. Isso não significa perfeição, mas conhecimento das próprias possibilidades, e, portanto, tornar-se capaz de fazer alguma coisa (MONTESSORI, 1985, p.270).

Estas atividades podem ser repetidas quantas vezes forem necessárias para que a criança sacie sua necessidade de aprendizado.

Segundo Maria Montessori (1985), a matéria-prima do desenvolvimento está dentro da própria criança e o professor tem o papel fundamental de organizar o ambiente pedagógico para desenvolver o potencial deste indivíduo.

A pedagogia científica inicia-se com a autonomia que a instituição escolar oferece à criança e que propicia o desenvolvimento das manifestações naturais individuais de cada um. A criança tem liberdade no sentido de não ser governada pelo adulto, portanto, estas atividades devem ser indiretamente orientadas, por meio de um ambiente preparado para despertar este interesse de busca da criança que em seu interior pede: “Ajuda-me a fazer sozinho” (MONTESSORI, 1936, p. 276).

5.2.3 Individualismo ou individualidade?

São palavras parecidas, entretanto, com significados muito diferentes. Segundo o dicionário da língua portuguesa Aurélio (2010, p.422), a palavra

individualismo significa “existência pessoal, sentimento ou conduta egocêntrica”. Já a palavra individualidade é conceituada como “o que constitui o indivíduo. Caráter especial ou particularidade que distingue uma pessoa ou coisa. Personalidade, vulto”.

E é exatamente a individualidade que Montessori buscou desenvolver entre seus educandos. Para ela, “as crianças são protagonistas de sua aprendizagem. Ninguém se impõe. A educadora aponta caminhos, e a criança é livre para percorrê-los; seu único limite é a liberdade dos outros. Encontra dificuldades, mas pode superá-las” (MONTESSORI, s.d. apud SEBARROJA, 2003, p.33).

Assim, o professor tem o papel de orientar e guiar, organizando o espaço para que a própria criança possa escolher sua trajetória individual, desenvolvendo sua autonomia. Dessa forma, ele possibilita que a mesma pense por si, sem precisar que uma pessoa em seu cotidiano sempre dite regras ou ordene o que ela deva fazer. Isto porque “a ordem e a disciplina [estão] intimamente ligados à espontaneidade” (MONTESSORI, 1936, p. 184). Se a criança só obedecer ao comando dos adultos, não refletirá sobre o que está fazendo e seu movimento se torna inconsciente.

A tarefa da educação constitui também em evitar que o indivíduo “confunda o bem com a imobilidade e o mal com a atividade” (MONTESSORI, s. d.), pois o intuito é disciplinar através da ação, a atividade, e não pela imobilidade, a omissão, a obrigação.

O trabalho individual, no qual a criança escolhe uma atividade para realizar, faz com que haja mais concentração e que explore o ambiente de acordo com sua necessidade de aprendizado. Durante este crescimento e esta progressão, a escola deve oportunizar que a criança se desenvolva, passando de um ser inconsciente para um ser ciente de seus direitos e deveres dentro de uma sociedade. Para a criança buscar esta autonomia dentro e fora da escola, de acordo com Merieu (2005, p.108),

o professor deve ter cuidado de evitar responder sistematicamente e, sobretudo, de implantar, ao lado dos recursos, um sistema de condicionantes impostas que obrigue cada aluno a buscar por si mesmo a informação e a construir a resposta: condicionantes constituídas, antes de tudo, pela recusa de se tornar o recurso sistemático, condicionantes impostas, em seguida, por um sistema de identificação das dificuldades e soluções possíveis a que se pode recorrer.

O que se aprende na escola deve ter aplicabilidade no dia a dia, pois do contrário seriam desperdiçados tantos anos em uma escola se não servissem para a vida do educando fora da instituição. A autonomia proporciona ao indivíduo a capacidade de questionar o mundo conforme suas “investigações” e aprendizado, desenvolvendo, assim, crianças independentes. Conforme resume o autor citado anteriormente (2005, p. 111):

Pode-se contestar a famosa trilogia que encerra os objetivos escolares: “saber/saber fazer/ saber ser”... Mas seria mais útil acrescentar um quarto termo: “querer ser” e, mais especificamente, “querer ser autônomo”. Querer ser autônomo, isto é, capaz de “saber que sabe” para mobilizar esse saber sem esperar que o professor lhe peça isso em um exercício específico.

Nessa perspectiva, Maria Montessori (1932, p.35) afirmava que

uma ação pedagógica para as crianças pequenas, para ser eficaz, deverá ser, em primeiro lugar, dirigida para este fim: ajudá-las a avançar na via da independência. Ajudá-las a aprender a andar sem ajuda, a correr, a subir e a descer as escadas, a apanhar os objetos tombados, a vestir-se e despir-se, a lavar-se, a falar para exprimir claramente as suas próprias necessidades, a fazer ensaios para chegar a satisfazer os seus desejos, eis a educação da independência.

Jean Piaget (1996), por sua vez, ao se referir à construção do senso de coletividade e independência pela criança, afirma que o desenvolvimento moral é dividido em três fases: anomia, heteronomia e autonomia. Ao nascer a criança passa pela fase de anomia, em que não há reflexão sobre seus atos e em que depende do adulto para sobreviver.

Nesta fase a criança é egocêntrica e, por ter uma consciência em desenvolvimento, ainda não percebe as regras sociais. Conforme o desenvolvimento da criança, a mesma observa que no meio em que vive existem regras que devem ser cumpridas, porém, não sabe ao certo o motivo para que isso ocorra e, às vezes, obedece por medo de ser punida. Se não há um adulto junto pode haver uma desordem.

Para que a criança desenvolva sua autonomia deve haver mediação de um adulto. É natural que a criança passe pela fase de anomia e heteronomia e

durante estas fases deve ocorrer um processo educativo em que haja a liberdade para que a mesma desenvolva a sua autonomia e viva a sua cidadania.

No que se refere à filosofia montessoriana, ela

mostra-se como uma educação para o indivíduo encontrar seu lugar social, tendo seus limites, seu tempo e seu ritmo de construção do aprendizado respeitado e estimulado. Logo, ela não foi elaborada para criar indivíduos voltados para si, mas sim, para compreender que cada ser tem sua peculiaridade; e, é por isso, que ela prioriza o autoconhecimento e o respeito necessários para a adequação ao grupo social a que se pertence, ao mesmo tempo em que possibilita o viver socialmente em plenitude (BRANCO, 2010, p. 52).

Para a criança compreender uma determinada regra, deve haver, antes de tudo, um diálogo, para que assim a mesma possa refletir se é justo ou não respeitar um determinado princípio sem que haja imposição.

5.3 AMBIENTE ESCOLAR

Montessori pretendia que a escola fosse uma extensão da casa, criando uma relação entre casa, escola e sociedade. Explicando melhor,

a Casa-Escola, é o prolongamento natural do lar e do grupo social, por isso abre para o amor, para a autorregulação e para a vida plena. Tendo sido despertada para um desenvolvimento equilibrado e harmonioso, a criança precisa encontrar, sempre, no exemplo dos educadores, o seu melhor caminho (ALMEIDA, 1997, p. 2).

No sistema Montessori há o chamado “triângulo montessoriano”, em que a criança é o topo do triângulo, sendo a verdadeira protagonista, e tendo como base um ambiente preparado cientificamente e um professor pesquisador.

Um ambiente estruturado, organizado e acolhedor permite que o educando desenvolva seu potencial para a “autoeducação”. De forma espontânea, as próprias crianças buscam livremente o que desejam explorar. Neste espaço, o sujeito não sofre as repressões ou a superproteção destrutiva que repetidamente os adultos costumam adotar, por descuido, hábito ou autoritarismo, no que diz respeito às crianças. Para que elas possam adquirir esta liberdade, precisam dominar “pequenas” práticas em sua vida cotidiana, como: amarrar seu sapato, pôr e tirar a sua roupa, comer e beber sozinhas,

lavar suas mãos, abrir e fechar a porta sem bater, a fim de que, assim, adquiram autonomia, autoconfiança e maturidade.

As atividades de vida prática foram organizadas por Montessori com o intuito de que, por meio de tarefas cotidianas, a criança desenvolva a sua independência, a coordenação motora, a concentração e também a cooperação com o grupo.

O mobiliário da classe deve ser do tamanho adequado às crianças, de acordo com sua altura e possibilidade de acesso ao que as cerca, como se fosse uma casa à sua medida, proporcionando segurança, conforto e autonomia.

Numa sala montessoriana da Educação Infantil, as prateleiras são dispostas numa altura que favorece o contato das crianças e organizadas por materiais didáticos classificados em categoria de vida prática, linguagem, literatura, matemática, ciências, arte e educação cósmica.

A música também faz parte do dia-a-dia das crianças. Elas cantam, dançam e tocam instrumentos musicais.

Os banheiros, as cadeiras, as mesas, a lousa, o espelho, devem ser condizentes ao tamanho das crianças. Dentro da classe, costumam ser colocados vasos com flores, aquário e fruteiras.

A indicação da filosofia de Maria Montessori é que a escola tenha horta, pequenos animais, árvores, para proporcionar às crianças o contato com a natureza, promover o respeito com o meio ambiente e possibilitar explorar a parte de botânica.

Quem entra em uma sala montessoriana encontra crianças espalhadas, sentadas em tapetes, no chão, ou em cadeiras adequadas ao seu tamanho, trabalhando individualmente ou em pequenos grupos escolhidos por elas.

Muitas pessoas que nunca vivenciaram uma classe Montessori podem ter a ideia de uma classe desorganizada, mas a aproximação com as escolas que utilizam a filosofia evidencia um espaço em que as crianças realizam suas atividades de forma concentrada, de acordo com o seu interesse e ritmo de aprendizagem. Quem entra em uma sala montessoriana encontrará crianças realizando suas atividades de forma concentrada, sem haver tensão ou bagunça. Há momentos em que a classe se reúne, para ouvir uma história,

aprender uma canção, compartilhar uma aprendizagem, uma curiosidade ou realizar uma conversa em grupo.

A criança pode explorar o ambiente dentro e fora da sala de aula, pois se permite a livre circulação e movimento do sujeito, agregando esta responsabilidade ao seu desenvolvimento interno. Dessa maneira, possibilita-se que o mesmo tenha contato com parque, gramado, areia, jardins, etc.

As classes geralmente são agrupadas e divididas por idade, do seguinte modo: dos três aos seis anos, dos sete aos nove anos, dos nove aos onze anos e dos onze aos catorze anos, podendo haver alguma modificação de acordo com as regras da escola, capacitação da criança ou lei de cada país voltada à educação.

Muitas escolas montessorianas, como a que foi objeto desta pesquisa, utilizam as salas agrupadas, que tem como objetivo propiciar o desenvolvimento da criança, possibilitando troca e auxílio entre as crianças, demonstrando a cooperação, que é incentivada nesta proposta, havendo mais trocas de aprendizado e cooperação, pois as próprias crianças colaboram entre si.

Na classe agrupada há menos intervenção do professor, pois os menores aprendem observando os maiores, sem haver competição nem constrangimento. Uma criança de quatro anos pode trabalhar motivada junto com uma de seis anos e se sentir alegre por aprender com seu amigo “mais velho”, e todos da sala crescem em um clima harmônico. Quando toda a classe tem a mesma idade há mais conflito, disputa, praticamente todos têm a mesma linha de aprendizado, fazendo com que um não agregue tanto conhecimento ao outro.

No livro: Estudo do sistema Montessori fundamentado na análise experimental do comportamento, Vera Lagôa (1981, p.32-33) descreve fisicamente o ambiente montessoriano:

- a) proporcional ao tamanho da criança, permitindo ao aprendiz mover-se acertadamente;
- b) limitado, evitando estímulos aos quais a criança não possa responder de maneira válida;
- c) simples, eliminando tudo aquilo que possa confundir o aprendiz;
- d) modificável, favorecendo o ajuste aos interesses do momento;
- e) ordenado, informando a criança sobre o local exato de cada objeto, de maneira a levá-la a prescindir da informação do adulto;
- f) atraente e calmo.

Os materiais são cientificamente preparados e congruentes com o desenvolvimento e capacitação das crianças. De fato, “o material sensorial é construído por uma série de objetos agrupados segundo uma determinada qualidade dos corpos, tais como cor, forma, dimensão, som, grau de aspereza, peso, temperatura etc.” (KISHIMOTO, 2000. p.103).

É estabelecido um controle de erro em cada material, indicando à criança o resultado de seu trabalho, não precisando, assim, haver uma interferência do adulto, apenas se necessário. Os materiais devem ter também uma boa apresentação estética, para que chamem a atenção das crianças. Eles são apresentados individualmente para cada educando, para que haja maior entendimento e concentração e para que o mesmo possa explorá-lo até saciar sua necessidade de aprendizado.



Figura 4 – Classe Montessori

5.4 O PAPEL DO PROFESSOR

O professor deve ser um observador com espírito científico, um profissional que busca sempre aprimorar-se. Sem dúvida, “a observação é o primeiro passo da reflexão e esta antecede a ação. Observar, refletir e agir – esta é a sequência do mestre montessoriano” (LIMA, 2007, p. 13), cumprindo sua função de facilitador de aprendizagem para o progresso de seu educando.

O ambiente montessoriano, por sua vez, é também educador, e o professor tem o papel fundamental de pensar, organizar e qualificar este espaço. Porém, não significa que a criança fique abandonada ou sem atenção, pelo contrário, o professor auxilia as crianças, de forma individual, a partir das necessidades de cada um e do grupo.

O professor montessoriano é firme em suas atitudes, calmo, educado, sereno, afetivo e ético. Obtém domínio no manuseio e intencionalidade dos materiais científicos utilizados em classe, sabendo apresentá-los para os alunos. Deve distinguir o que é intervenção do que é uma interrupção, sabendo o momento correto de intervir sem prejudicar o progresso e a concentração da criança. Na verdade,

o seu papel, aparentemente passivo, assemelha-se ao do astrônomo face aos astros que rodopiam no universo: as coisas vão por si mesmas e, para estudá-las, investigar os seus segredos ou dirigi-las, é preciso observá-las e conhecê-las sem intervir. (OLIVEIRA, 2007, p. 125).

Sintetizando, na classe Montessori, professores e crianças trabalham juntos, ambos desenvolvendo seus potenciais a cada dia, “pois não é possível ensino sem autoeducação” (ANTUNES, 2008, p. 61).

5.5 A CRIANÇA

Montessori classificou as fases do desenvolvimento humano em períodos. O primeiro vai do nascimento até os seis anos de idade. Este, por sua vez, é dividido em duas partes. A primeira vai do zero aos três anos, caracteriza-se por um momento em que se deve auxiliar o desenvolvimento da criança, onde há um crescimento rápido do corpo e mental. O meio em que a criança se encontra a estimula para seu desenvolvimento psíquico, sensorial e físico.

Neste período, por meio da observação, a criança absorve as impressões ao seu redor por meio dos sentidos, abrindo caminho ao raciocínio e às percepções. É o que Montessori chama de *Mente Absorvente Inconsciente*: “Não se formam observadores com dizer apenas: observa, mas

sim, dando o meio para observar; e este meio é a educação dos sentidos” (MONTESSORI, 1957, p. 161-162).

Já a segunda fase costuma ocorrer dos três aos seis anos, quando a criança torna-se ciente do ambiente ao seu redor, aprimorando as conquistas já realizadas e explorando à sua volta. Este período é denominado por Montessori de *Mente Absorvente Consciente*. Nele a mão conduz os sentidos, explorando ao seu redor, cérebro e mãos estão interligados para o desenvolvimento da criança.

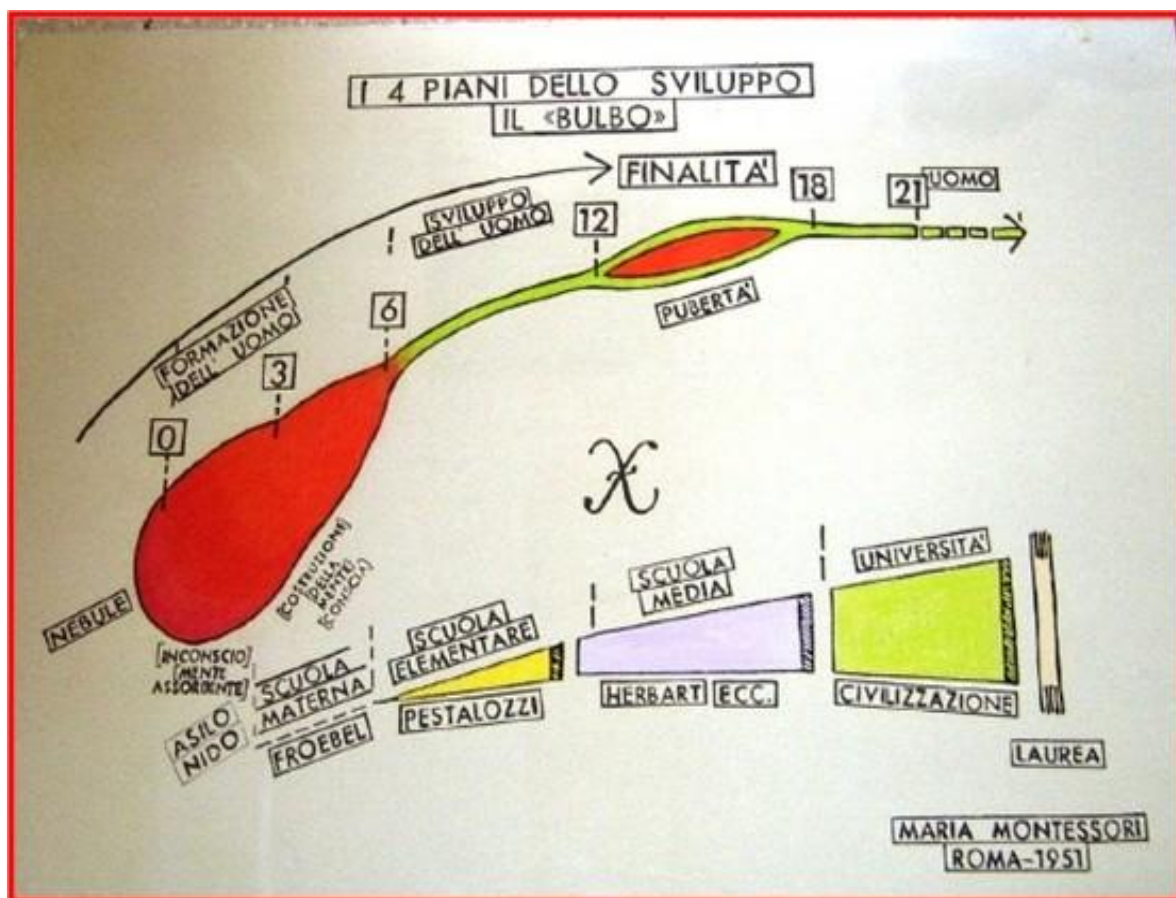


Figura 5 – Bulbo de Montessori: Planos do desenvolvimento

O segundo período vai dos seis aos doze anos, “é uma fase de crescimento, na qual não ocorrem transformações. Trata-se de um período de calma e serenidade e, psiquicamente falando, é um momento de saúde, força e estabilidade certa” (MONTESSORI, 1986, p.29). O terceiro, dos doze aos dezoito anos, divide-se entre a puberdade e a adolescência. Após os dezoito anos inicia-se a fase adulta. No ciclo infantil, encontramos os períodos sensíveis, nos quais Montessori observou sensibilidades passageiras em momentos característicos durante o crescimento e desenvolvimento do ser.

Sendo assim, é necessário conhecê-los para oferecer o material e o ambiente de acordo com sua necessidade de dominar tal habilidade.

Toda criança passa por um período sensível, um período de grande intensidade e uma sensibilidade especial afluída para determinada habilidade e concepção. Esta sensibilidade correspondida faz com que a criança entre em contato com o mundo de uma maneira prazerosa e espontânea.

Montessori percebeu que a criança possui um período sensível e passageiro para o desenvolvimento de habilidades específicas. E “se a criança for impedida de usufruir destas experiências no momento em que a natureza planejou que ela o fizesse, a sensibilidade especial que a impulsiona para elas desaparecerá, deixando um efeito nocivo no desenvolvimento” (Montessori, 1949, p.95). Não atender ao período sensível por não saber oferecer o que a criança precisa para conceder sua conquista e evolução pode provocar uma “atrofia intelectual” (OLIVEIRA, 2007, 107).

Em sua época, Montessori (1949) percebeu cinco períodos sensíveis, que são: o da ordem, dos detalhes, do uso das mãos, para andar e para a linguagem, que atualmente continuam sendo estudado pelas neurociências, o que denota o quanto sua obra foi importante. Com efeito, “seu método desenvolveu em profundidade a educação sensorial que estudos recentes sobre o cérebro humano revelaram ser essencial para a excelência da vida” (ANTUNES, 2008, p. 59), com a finalidade de desenvolver a percepção motora, tátil, visual e o paladar.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Diante da filosofia de Maria Montessori, este trabalho busca mostrar um modo de educar as crianças. A pesquisa é fundamentada nas obras de Montessori e de outros estudiosos, como Talita Almeida, Vera Lagôa, Camilo Grazzini. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, este estudo apresenta dados da biografia de Montessori, sua filosofia, suas pesquisas, seus materiais científicos e o modo como trabalha a individualidade dentro de um ambiente escolar. Para melhor entendimento,

a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Após o levantamento bibliográfico, este estudo teve como sequência uma pesquisa de campo, com o objetivo de coletar dados em um colégio que segue a filosofia montessoriana, e para poder observar

fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado (FRANCO, 1985, p. 35).

A observação “é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa” (SEVERINO, 2007, p. 124). Sendo assim, este estudo utilizou como técnica de levantamento de dados a observação do grupo, de forma não participativa, para que pudesse ser visto o todo sem que houvesse interferência no cotidiano da classe.

As observações ocorreram em um ambiente próprio, no qual as crianças já estavam familiarizadas com a metodologia. Este levantamento de dados foi realizado em uma escola da rede privada, localizado no centro de Florianópolis, na educação infantil, com crianças na faixa etária de três a seis anos.

O trabalho na escola desenvolve-se na perspectiva montessoriana desde 1973. “A escola é filiada a duas organizações internacionais: Unesco e

American Montessori Society (AMS) e uma nacional: a Organização Montessori do Brasil (OMB) da qual é sócio-fundador⁶”.

Durante as observações, foi registrado, de forma descritiva, o cotidiano das crianças em uma turma mista (03 a 06 anos), analisando como é a relação teoria e prática, como ocorre a orientação do professor com relação à criança, como é delegada a autonomia à criança e outras questões que venham a esclarecer a conduta do sistema montessoriano.

Através de uma pesquisa documental, que tem como fonte “documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais” (SEVERINO, 2007, p.123), foram feitos registros fotográficos para uma melhor análise

Na sequência, foi realizada uma entrevista estruturada com as professoras da instituição que atuam junto à turma de alunos observada, com a finalidade de conhecer como foi a sua preparação para atuar em uma classe agrupada. Segundo Severino (2007, p. 124), entrevistas estruturadas

são aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste. Com questões bem diretivas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais.

A análise dos dados gerados ocorreu por meio da interpretação das observações e das entrevistas feitas, de acordo com o referencial teórico apresentado neste estudo.

Ao iniciar a pesquisa de campo, vivenciei diariamente uma prática pedagógica muito fiel aos conceitos julgados imprescindíveis por Maria Montessori com relação aos materiais científicos, à organização da sala, ao posicionamento da professora e à independência que a criança possui para explorar o ambiente e se expressar de forma construtiva para seu desenvolvimento psíquico e físico. Também me foi possível anotar, num diário de campo, os registros necessários para a análise da pesquisa juntamente com as fotografias.

⁶ Informação retirada do site da escola pesquisada.

Durante o desenvolvimento teórico, encontrei um pouco de dificuldade ao procurar material impresso que abordasse este tema, principalmente na língua portuguesa. Para um melhor domínio do sistema montessoriano, participei de um curso de formação de professores montessorianos oferecido sistematicamente na escola pesquisada, o qual possibilitou uma pesquisa mais aprofundada.

7 ANÁLISE DE DADOS

A partir das observações realizadas no cotidiano de uma turma mista composta de crianças de três a seis anos de idade que frequentam o período matutino, cujo colégio de rede privada que segue as perspectivas montessorianas, meu olhar de pesquisadora foi embasado na pergunta: **como a criança desenvolve sua individualidade no ambiente montessoriano?**

De acordo com o que havia pesquisado sobre a temática estudada, pude vivenciar a relação teoria e prática como ações indissociáveis. Um ambiente em movimento, com crianças observando, experimentado e descobrindo por si. No entender de Cambi (1999, p. 532):

A criança deve desenvolver livremente suas próprias atividades para amadurecer suas próprias capacidades e atingir o comportamento responsável, mas tal liberdade para Montessori, não deve ser confundida com o espontaneísmo.

Para Montessori, o comportamento responsável requer disciplina, porém, esta disciplina é algo ativo, sem ser uma condenação à imobilidade. Montessori faz uma crítica ao espontaneísmo como algo não planejado e diz que para que a criança possa realizar livremente suas atividades o ambiente deve estar preparado pelo professor, com a finalidade de dar condições a ela para interagir e explorar o mesmo. Cada material ali exposto tem um propósito a ser trabalhado.

A classe é composta por uma professora, uma professora auxiliar, três crianças de três anos, onze de quatro anos e três de cinco anos, totalizando duas professoras e dezessete crianças. De acordo com a perspectiva montessoriana, a formação de uma turma mista tem o intuito de desenvolver mais trocas de experiências e um ambiente harmonioso, assim como aparece descrito de forma mais explicativa no referencial teórico. Segundo o relato da professora regente⁷:

Os benefícios de uma classe Montessori estão na possibilidade da criança manusear os materiais do enxoval⁸ completo para a

⁷ Entrevista em anexo.

⁸ Materiais de linguagem, matemática, artes, vida prática, conhecimento de mundo, entre outros.

Educação Infantil, tendo maior oportunidade de refinar e aprimorar os objetivos específicos. E a convivência em comunidade, com a interação de crianças de 3 à 6 anos; a criança maior aprende ensinando a menor, e a menor aprende observando a maior.

O dia a dia das crianças segue da seguinte maneira: o responsável acompanha a criança até a porta da sala e ali se despedem. Alguns dos responsáveis desejam à criança um “bom trabalho”, porque a escola trata o período que o sujeito está ali como o seu trabalho, com responsabilidades e autonomia para exercê-lo.

Para Rohers (2010, 114), “a criança também é um trabalhador e um produtor. Embora não possa participar do trabalho do adulto, tem um trabalho a desenvolver, uma grande missão, importante e difícil: a de produzir o homem”.

Convém destacar que é um trabalho inconsciente, assim, por exemplo, quando a criança escolhe um material para trabalhar, o motivo da sua opção é o de explorar o material, satisfazer sua curiosidade, ter satisfação, buscar um entretenimento, sem se dar conta de que, ao utilizá-lo, está adquirindo variadas habilidades. Observei uma criança de três anos realizando uma atividade de vida prática, conforme o trecho do registro de observação⁹:

A criança escolheu trabalhar com o material de lavar o bebê. Durante a atividade buscou a água para encher a banheira, pegou o sabonete e a toalha, lavou o bebê cuidadosamente, secou, jogou a água com sabonete fora (segurando a banheira com as duas mãos e andando bem devagar para não derramar) e após buscou um pano de chão para secar o onde havia molhado, a seguir estendeu o pano no varal com os pregadores de roupa. Neste processo trabalhou várias habilidades, além de ser uma atividade presente em seu cotidiano: tomar banho (higiene), realizou o processo corretamente, ensaboou todo corpo do bebê, enxugou, cuidou para não “afogar” e não ir espuma nos olhos do bebê, manejou com equilíbrio a banheira com água, organização e

⁹ O registro encontra-se no apêndice na íntegra.

concentração, trabalhou o movimento de pinça ao estender o pano de chão no varal, tudo isso em um simples processo que para criança é algo prazeroso e escolhido por ela.

Os materiais de “vida prática” fazem parte de uma categoria de atividades realizadas no cotidiano da criança, por exemplo: lavar roupa, telaios¹⁰, lustrar madeira e metais, transpor líquido, amarrar cadarço, entre outros.

São exercícios que buscam possibilitar a independência do sujeito focalizando na disciplina, relação social, coordenação motora ampla e fina e autonomia. Para Montessori (1966, p.40), “essa tomada de consciência sempre crescente favorece a maturidade. Se damos a criança o sentido de seu valor, ela se sente livre e seu trabalho não lhe pesa mais.”



¹⁰ “material pedagógico montessoriano criado para auxiliar as crianças a se vestirem sozinhas, formado por zípper, botão, cadarço, colchete, velcro” (NOGUEIRA, 2012, p.1).

Figura 6 – Criança de 3 anos fazendo uma atividade de vida prática – limpando o espelho.

Prosseguindo na descrição do cotidiano da turma, ao entrar na sala guardam seu lanche no frigobar (caso haja necessidade) e aqueles que já sabem escrever identificam o seu próprio lanche, caso contrário, a professora auxilia.

Em seguida, cumprimentam as professoras e buscam um material para trabalhar. Este processo é chamado de “trabalho pessoal”, tendo em vista que “um dos conceitos de base do sistema educativo de Maria Montessori é a atividade independente” (ROHERS, 2010, p. 27).

Os materiais são selecionados por gêneros, divididos em estante de linguagem, matemática, educação cósmica, vida prática, artes, literatura (este fica em um lugar mais reservado para uma melhor concentração), sensorial e botânica. A sala é um local acolhedor, embora a mobília seja de madeira em tons beges, não é um local “sem vida”. Estão espalhados pela sala vasos de flores, plantas, aquário, fruteira com frutas variadas, um quadro elaborado pelas próprias crianças (inspirado nas obras de Romero Britto).

É possível constatar um ambiente cientificamente preparado para atender as necessidades das crianças. Os móveis são proporcionais ao tamanho das crianças (pia, banheiro, espelho, cadeira, mesa, estantes, maçaneta da porta, entre outros), com o intuito de facilitar e ter a autonomia de fazer suas atividades não havendo a necessidade de um adulto para ajudar. A frase seguinte corrobora o que foi dito: “Um indivíduo é o que é, não por causa dos professores que ele teve, mas pelo que realizou, ele mesmo” (Idem, p. 27).



Figura 7 – Mobiliário proporcional ao tamanho da criança.

As professoras observam e auxiliam as crianças sempre que necessário. Há um planejamento individual feito pela professora regente e durante o trabalho pessoal ela convida a criança a conhecer um novo material e o apresenta caso a criança desejar, do contrário, irá fazer o convite em outra oportunidade. A apresentação consiste em demonstrar como manusear o material, a professora mostra e o educando observa. Depois, o educando faz e a professora observa, caso houver necessidade, a professora intervém.

O trabalho pessoal é realizado todos os dias durante a maior parte do tempo. Com os materiais didáticos as crianças podem avaliar seu grau de êxito enquanto realizam tal atividade.

Durante as atividades individuais, observei crianças trabalhando com vela (para derreter a ponta do giz de cera e pintar), vidros, com material de

marcenaria (martelando o prego), picando frutas e servindo para os amigos, espremendo laranja na centrífuga, sempre muito concentradas e com zelo.

As professoras estão sempre observando e apenas faz este trabalho quem já demonstrou interesse e condições de exercê-lo, mas para exercê-lo, se necessário, a professora fica ao lado assessorando.



Figura 8 – Criança de 4 anos cortando laranja para fazer suco e compartilhar com os demais.

As mesmas também têm a liberdade de explorar todos os ambientes da escola: biblioteca, parques, coordenação, ambulatório, entre outros locais. Por exemplo, se uma criança está trabalhando com um material que necessita de terra, ela vai até o pátio e busca um pouco de terra; se precisa devolver um livro à biblioteca, vai até o local e entrega o livro. Esta é mais uma forma de trabalhar a autonomia. Estudos revelam que muitas crianças são medrosas e tímidas porque faz parte do caráter construído quando criança. Segundo Rohers (2010, p. 124):

Tais atitudes podem ser explicadas como consequência de fortes impressões colhidas no passado, como o medo de atravessar a rua, medo que existam gatos em baixo da cama, isto é, estados semelhantes a fobias que a psiquiatria tem estudado nos adultos. Todas essas formas de medo existem especialmente nas crianças

que “dependem do adulto” – e este se aproveita do estado nebuloso da consciência da criança para imprimir-lhe artificialmente medo de entidades vagas que agem nas trevas e, dessa maneira, impõe-lhe obediência.

Há também as aulas extras de música (uma vez por semana), educação física (duas vezes na semana) e de inglês (uma vez na semana). As aulas de educação física são ministradas no pátio ou na quadra esportiva. As aulas de música e inglês são ministradas, geralmente, na sala de aula; dependendo da proposta do professor, essas aulas podem ser feitas em outros ambientes do colégio.

Todas as quartas-feiras as crianças vão ao teatro da escola e permanecem lá até o recreio. Cada semana uma turma é responsável pela apresentação de uma peça para os demais colegas, com temas variados (higiene, alimentação saudável, literatura, homenagem a alguma data comemorativa). Também assistem a filmes, documentários, musicais, teatro, cantam algumas canções religiosas, entre outras atividades artísticas.

A escola tem concepção baseada no catolicismo, o colégio é dirigido pelas Irmãs Franciscanas de São José. Faz parte da programação no teatro cantar o hino nacional. Em um telão aparece a bandeira do Brasil e a letra da canção, e durante a execução do hino, todos ficam em pé, com as mãos ao lado do corpo, com uma conduta de respeito à pátria.

Na hora do lanche, antes de descer para o pátio, todos sentam em linha¹¹ para ouvir o comando da professora. O comando é uma ferramenta utilizada para fazer um comunicado coletivo, os comandos são utilizados em momentos diferenciados no cotidiano da instituição, como, por exemplo, para chamar o grupo, para lanchar, para trocar de atividade, para aguardar uma aula extraclasse.

Na hora de descer para o lanche, a professora passa alguns recados e sempre propõe uma dinâmica para descer um a um ao pátio. Nesta dinâmica sempre traz algum ensinamento, por exemplo, a professora M disse a seguinte frase às crianças: *“hoje irei falar dois adjetivos de uma criança e vocês terão que adivinhar a quem estou me referindo, a criança que eu falar o adjetivo, ou seja, uma característica, buscará sua lancheira e descera para o pátio”*. Essa é

¹¹ Toda sala montessoriana tem uma linha demarcada no chão em formato quadrado ou retangular para que as crianças possam guiar-se ao sentar-se ao chão no momento em que o grupo se reúne.

uma forma de organizar; os estudiosos montessorianos adotam o termo normalizar, utilizado por Maria Montessori, é uma maneira de disciplinar sem ser tirano.

De acordo com minhas observações, ao exercerem suas funções, as professoras mostram-se coerentes com o papel do professor apresentado nas perspectivas de Maria Montessori. Ambas possuem um grande domínio dos materiais científicos presentes em sala de aula e demonstram muito respeito às ideias das crianças, ao exercício do pensamento e das explorações dos materiais e do ambiente.

A professora é uma referência para as crianças, uma mediadora que planeja cuidadosamente o ambiente e os estimula a adquirir sua autonomia. Segundo o pensamento montessoriano, o professor tem de ser um exemplo a seguir, pois o exemplo educa mais do que as palavras.

Ao chegar ao pátio onde é feita a refeição, os alunos lavam as mãos, sentam-se à mesa e abrem seus lanches. Quando algum deles precisa descascar alguma fruta, a professora ajuda. Ao terminar o lanche, as próprias crianças guardam seus utensílios na lancheira e colocam no local correto junto com as demais; caso tenham utilizado algum talher lavam, secam e guardam no pote da professora. Tudo o que a criança utiliza ela guarda, tudo o que ela suja ela limpa, e assim, crescerá assumindo suas responsabilidades, sem que o outro faça por ela algo que ela tem capacidade de fazer.

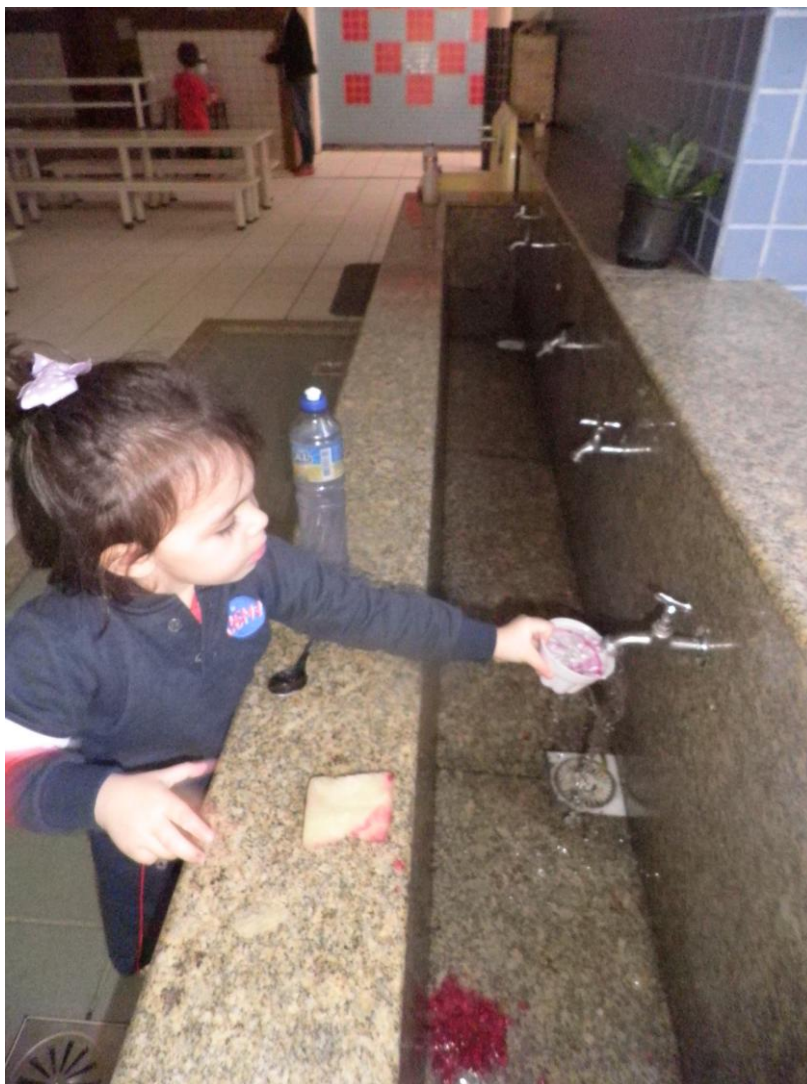


Figura 9 – Criança lavando sua colher e pote após o lanche.

Depois de terem feito o lanche, escovam os dentes e vão brincar no parque de areia por aproximadamente 25 minutos. Neste parque há alguns brinquedos, como: escorregador, casinha de boneca, túnel, baldinhos de areia, pá, etc. As crianças costumam brincar de fazer “comidinha”, brincam de pega-pega, nos brinquedos do parque, de “passa anel”. Meninos e meninas brincam juntos.

Observei apenas uma criança sozinha, ela ficava andando pelo parque olhando os outros brincarem. Indaguei à professora auxiliar se geralmente ele ficava assim, mais isolado, e a mesma respondeu que ele não interagia muito na hora do parque e que estavam trabalhando o coletivismo com ele.

Durante o recreio uma criança veio reclamar para professora que um colega a empurrou, a professora, pacientemente, abaixou-se e disse para a

criança ir até o colega e falar que não quer mais que a empurre, porque ela não gosta. A criança foi até o colega e falou exatamente o que a professora sugeriu, enquanto isso, a professora observava.

Com esta atitude, a professora faz com que a criança tenha mais autonomia e consiga resolver as dificuldades em que se encontra, sem que o adulto tenha que falar sempre por ela.

Em outra ocasião, a professora disse para a criança que estava empurrando que não devemos empurrar os amigos, sem haver uma punição ou castigo, e sim com um diálogo, deixando claro que essa não é uma atitude correta. Assim que a professora canta a música “quem é da tia M vem aqui” (todos os dias a mesma canção para chamar as crianças no parque é utilizada por algumas professoras do colégio), as crianças a seguem em fila indiana até o banco onde é feito o lanche, tiram a areia do sapato (a maioria já calça os sapatos sozinhos) e tomam água.

No colégio onde realizei minhas observações, as professoras são chamadas pelas crianças de tias, no entanto, esta é uma escolha do colégio e não está relacionada à filosofia montessoriana.

Todos os dias, após o recreio, é realizado o “exercício de linha”. Esta aula tem a duração aproximada de 20 minutos, sendo dividida em etapas:

- Atenção: tem como objetivo focar a atenção da criança para o exercício que será desenvolvido.
- Caminhar na linha: sem sair da linha a professora faz movimentos variados e a criança repete estes movimentos (saltar, andar de costa, correr, entre outros). O exercício de “caminhar sobre a linha significaria por em movimento exercícios de controle de respiração, concentração, sentido de equilíbrio e, no final das contas, acabaria fortalecendo os músculos da perna” (ROHERS, 2010, p.48).
- Desconcentração: nas outras duas fases o educando interiorizou a sua atenção, já nesta etapa a criança tem liberdade para expansão, desinibição, expressão. É um momento de cantar, dançar, propor um jogo.
- Desabrochamento: é o momento em que a professora desenvolve uma breve explicação do tema proposto.

- Relaxamento: é o momento em que a criança volta à calma com algum exercício de silêncio, por exemplo: ouvir uma música instrumental deitada no chão, dar algum objeto para a criança observar e passar adiante, contar uma história.

A música é muito utilizada dentro da sala de aula, com objetivos variados. Utilizam-se, por exemplo:

- Canções infantis: (boneco de lata, olá dona Chiquinha, dona aranha, entre outras), que são cantadas coletivamente todos os dias, na fila, em linha, na hora do lanche ou em outras ocasiões.
- Canções religiosas: geralmente são cantadas no teatro, logo que as crianças chegam. As músicas são ensinadas lá mesmo, por um professor de música. Há também algumas missas programadas no decorrer do ano e nas quais as crianças cantam as mesmas canções ensaiadas no Colégio.
- Canções de comando: são canções que substituem a fala da professora por uma canção que indica algum “alerta” ou ordenação. Por exemplo: sempre que o trabalho pessoal termina, a professora canta a música: “já chegou a hora de guardar o material, vamos guardar...”. Nesse momento, todos levantam, guardam seu material e organizam a sala (varrem, tiram pó com espanador). À medida que vão terminando, sentam-se na linha e aguardam que todos terminem. Outro exemplo de utilização da canção de comando é quando tem alguma criança conversando em voz alta e atrapalhando a concentração de outros colegas. De acordo com meus registros, nessa hora:

a professora canta: “a conversa está ficando muito alta...” e imediatamente a criança que estava falando alto escuta e diminui seu tom de voz. Sem precisar que a professora chame atenção diretamente ao sujeito. Estas músicas foram feitas pelos próprios professores montessorianos de acordo com as informações obtidas na escola pesquisada. São cantadas em voz baixa.

Durante as observações, me perguntava: - o que contempla a independência dos sujeitos? É possível respeitar a individualidade de cada um no espaço coletivo?

Percebi, no percurso do levantamento bibliográfico, na aproximação dos estudos de Montessori e na relação com o cotidiano da escola montessoriana, que a independência proposta nos estudos não é algo complexo de por em prática, no entanto, deve haver uma preparação do professor e um trabalho em conjunto com a escola, pois proporcionar a autonomia para a criança é “ajudar a criança a avançar no caminho da independência; assim compreendida, esta ação consiste em iniciá-la nas primeiras formas de atividade, ensinando-as a serem autossuficientes e a não incomodar os outros” (Idem, p. 71).

Os estudos montessorianos apontam que é mais fácil fazer pela criança, é mais fácil alimentá-la, vesti-la do que ensinar a segurar uma colher, a vestir-se, entretanto, fazer por ela é subestimar a sua inteligência, é tratar a criança como se ela não tivesse capacidade, não pudesse criar hipóteses para a solução das dificuldades encontradas no seu cotidiano.

É importante ressaltar que, “quando servimos as crianças, cometemos um ato servil para com elas, isto é tão nefasto quanto querer sufocar algum de seus movimentos espontâneos úteis” (Idem p. 71). Montessori designa sua filosofia como uma ajuda à vida, auxiliando no desenvolvimento amplo do educando.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa não tinha a exata dimensão da influência que Maria Montessori provocou no meio educacional. Nascida na Itália, Montessori formou-se em Medicina, no entanto, desenvolveu grande interesse pela área da educação a partir de um trabalho realizado em clínica psiquiátrica.

Ao observar crianças diagnosticadas deficientes, notou que o que faltava para aquelas crianças eram estímulos, e percebendo que elas eram capazes, iniciou suas pesquisas científicas voltadas para qualquer criança, sendo elas deficientes ou não, pois acreditava que o que mudava de criança para criança era apenas o ritmo de seu aprendizado.

Suas teorias foram expandidas, estudadas e continuam sendo postas em prática até os tempos atuais, adaptando-se a diferentes realidades nacionais. Para Montessori, “educar significa favorecer o desenvolvimento, a liberdade e a infância, período de rica aprendizagem com necessidades e interesses específicos” (ANTUNES, 2008, p. 61).

Em seu tempo, o professor era o protagonista central e a criança era considerada uma “tabula rasa”, sendo uma simples espectadora de seu crescimento. No entanto, as concepções de Maria Montessori valorizavam e defendiam a liberdade e as práticas de individualidade, preconizando que o professor deve auxiliar a criança, mas de forma alguma fazer por ela, pois somente assim haverá a autoeducação, desde que partindo “de um ambiente apropriado para cultivar a atenção, a vontade, as inteligências, a imaginação e o desenvolvimento” (Idem, p. 63).

Montessori, visando esta independência, projetou variados materiais didáticos com a ajuda dos quais a criança pode corrigir por si mesma seus erros e assim, autocorrigir-se.

As reflexões realizadas através desta pesquisa evidenciam que uma educação qualificada deve prevalecer pela autonomia, incentivando e valorizando as competências das crianças, de forma que a mesma possa explorar e aprender com seus próprios méritos.

Foi possível perceber que as crianças desenvolvem a sua individualidade no ambiente montessoriano porque se trata de um local que não permite improvisos, um ambiente cientificamente preparado e direcionado

para que a criança possa ter a livre escolha e realizar suas tarefas e seus experimentos a cada dia, um ambiente planejado pelo professor e voltado à concentração e às possibilidades de realização autônoma, com materiais atrativos e com finalidades construtivas.

Percebi também o desenvolvimento desta individualidade no fato de não haver um lugar fixo ou carteiras enfileiradas. A criança só irá utilizar uma mesa se o material apresentar esta necessidade, caso contrário, ela poderá sentar-se no chão, com o auxílio de um tapete para colocar o material, ou então ir a outro ambiente do colégio, isso vai depender do trabalho que a criança deseja realizar. É através deste trabalho experimental, que o sujeito tem respeitado o seu interesse, que desfruta dos conceitos de autonomia.

Finalizo a pesquisa com satisfação e o desejo de aprender mais, procurando sempre me aprofundar em uma perspectiva educacional que possa contribuir para o desenvolvimento da criança, respeitando as suas necessidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Talita. **Maria Montessori: ambiente**. ABEM/ BMS: Rio de Janeiro, 1997.

ANTUNES, Celso. **Piaget, Vygotsky, Paulo Freire e Maria Montessori em minha sala de aula**. Ciranda cultural: São Paulo, 2008.

Apostila do Curso de Capacitação do Sistema Montessoriano de Educação. Centro Educacional Menino Jesus, Florianópolis, 2007.

ARAÚJO, U. F. O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. In: Piaget, J. et al. **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ALMEIDA, Talita. **Maria Montessori: um método para ser feliz**. ABEM/ BMS: Rio de Janeiro, 1997.

BARROS, Talma Bastos. **Conceitos em pesquisa científica**. Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_8407/artigo_sobre_conceitos_em_pesquisa_cientifica Acesso em: 30 nov.12 a 1h06min.

BRANCO, Sonia. O respeito pela individualidade. **Educação na prática**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 51, set. 2010.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999.

FERRARI, Marcio; **Maria Montessori, a médica que valorizou o aluno**. <<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/medica-valorizou-aluno-423141.shtml>>, Acesso em: 01/11/2012 às 23h42min.

FERNANDA; **O sistema Montessori na educação Parnaíba**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/pedagogia/o-sistema-montessoriano-na-educacao-parnaibana.htm>> Acesso em: 15 nov.12 às 22h01min.

FERRARI, Marcio; **Maria Montessori**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/maria-montessori-307444.shtml>> Acesso em: 04 nov.2012 às 21h13min.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini dicionário Aurélio**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FRANCO, M.L.P.B. **O "estudo de caso" no falso conflito que se estabelece entre análise quantitativa e análise qualitativa**. S.P: PUC, 1985.

FRANK, Anne. **La pédagogie Montessori**. Disponível em: <<http://les4mimes.over-blog.com/article-la-pedagogie-montessori-56393482.html>> Acesso em: 29 nov.12 às 21h11min.

GRAZZINI, Camilo. **A compreensão de Maria Montessori sobre visão cósmica, plano cósmico e educação cósmica: Educação como ajuda à vida**. Paris, 2001.

HECKMAN, James. **O bom de educar**. Disponível em: <http://www.paralapraca.org.br/?p=2862>> Acesso em: 19 abr. 2012 às 23h 54min.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e educação**. 4ª edição, São Paulo: Cortez. 2000.

LAGÔA, Vera. **Estudo do sistema Montessori fundamentado na análise experimental do comportamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

LIMA, Edimara. Movimento Montessori Contemporâneo: conhecendo fundamentos, derrubando mitos. **Revista Direcional Escolas**. São Paulo, 2007.

LIMA, Edimara de. **O exercício da autonomia**. Maria Montessori: o indivíduo em liberdade. Rio de Janeiro, 2005.

LLERANDI, Tita; **Los cuatro planos de desarrollo**. Disponível em: <http://pildoraroja.org/index.php?option=com_content&view=article&id=119:los-cuatro-planos-de-desarrollo&catid=38:desarrollo-humano&Itemid=75>. Acesso em: 25 nov.2012 a 00h26min.

MACHADO, Izaltina de Lourdes. **EDUCAÇÃO MONTESSORIANA: de um homem novo para um mundo novo**. São Paulo: Pioneira, 1986.

MACHADO, Ir. Izaltina de Lourdes. **O sistema de educação montessoriana no país em desenvolvimento.** In: **Anais do I Congresso Brasileiro de Educação Montessoriana.** São Paulo: Editora Formar, 2001.

MAZZEI, Laís et al; **Jean Marc Gaspard Itard.** Disponível em: <http://jeanmarcgasparditard.blogspot.com.br/>,> Acesso em: 6 nov.2012 às 23h52min.

MERIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula: o fazer e o compreender.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MONTESSORI, Maria. **The San Call & Post.** Artigo publicado em 25/8/1915. Tradução livre para estudo por Marcia Righetti

_____. **A Criança.** Lisboa: Portugália, 1972.

_____. **Mente absorvente.** Portugal: Portugália, 1985.

_____. **Educação e a paz.** Papyrus : Campinas, São Paulo, 2004.

_____. **Pedagogia científica: a descoberta da nova criança.** São Paulo: Editora Flamboyant, 1965.

_____. **Von der kindheit zur jugend.** Fribourg, 1966.

NOGUEIRA, Tereza; **Aula prática com telaios.** Disponível em: <http://www.mundoarteceb.com.br/?pag=diversao&subpag=noticias&acao=exibir&id=48> Acesso em: 25 maio 2013 a 01h36min.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **PEDAGOGIA(s) DA INFÂNCIA: dialogando com o passado.** Porto Alegre: Artmed, 2007

Organização Montessori do Brasil. **Montessori.** Disponível em: <http://www.omb.org.br/montessori.php>> Acesso em: 30 nov.2012 a 00h27min.

ROHERS, Hermann. **Maria Montessori.** Recife: Massangana, 2010.

SASSÁ, P. **Educação na prática.** São Paulo: Minuano, set. 2010.

SEBARROJA, Jaime Carbonel...[edtal]. **PEDAGOGIA DO SÉCULO XX.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

VERSATIL HOME VÍDEO. **Maria Montessori**, una vita per i bambini (Maria Montessori, uma vida para as crianças). Direção de Gianluca Maria Tavarelli, Itália, 2007. 200 min. Drama. Áudio Italiano.

WEINBERG, Monica. **O bom de educar desde cedo**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/100609/entrevista.shtml>,> Acesso em: 25 nov.2012 às 22h20min.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista estruturada:



USJ
Centro Universitário
Municipal de São José

**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
CENTRO UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ**

Entrevistada: M. R. L. (professora regente)

Entrevista estruturada

1. Qual sua formação e qualificação para atuar em uma classe de turma mista?

R: Sou Pedagoga, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina, com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais. Em 2009 fiz o curso do Sistema Montessori, no Centro Educacional Menino Jesus, e desde então trabalho na Instituição.

2. Como a criança desenvolve sua individualidade no ambiente montessoriano?

R: O respeito à individualidade acontece principalmente durante o Trabalho Pessoal, onde a criança tem a possibilidade de manusear todos os materiais da sala, que possibilitam o processo do desenvolvimento infantil através do interesse na escolha e no uso construtivo referente.

3. Qual o papel do educador em uma classe mista?

R: O professor da classe tem a função de observar e mediar, quando necessário, o trabalho da criança. Estar atento aos objetivos dos materiais a serem conquistados, realizar as apresentações respectivas, fazer o planejamento individual conforme a idade e individualidades, organizar o ambiente e proporcionar a normalização da sala.

4. Quais os benefícios que uma classe mista pode trazer às crianças e que não encontramos em uma classe seriada?

R: Os benefícios de uma classe Montessori estão na possibilidade da criança manusear os materiais do enxoval completo para a Educação Infantil, tendo maior oportunidade de refinar e aprimorar os objetivos específicos. E a convivência em comunidade, com a interação de crianças de 3 a 6 anos; a criança maior aprende ensinando a menos, e a menor aprende observando a maior. Valores, ética e respeito ao outro e ao universo, são trabalhados diariamente.

5. Quais suas dificuldades diante do sistema Montessori?

R: Não considero “dificuldades”, mas o método exige a importância da prática e do estudo dos materiais para que as apresentações e atividades atinjam seus objetivos e envolvam a criança.

Entrevista estruturada

6. Qual sua formação e qualificação para atuar em uma classe de turma mista?

R: Curso Superior de Pedagogia e Curso Montessori.

7. Como a criança desenvolve sua individualidade no ambiente montessoriano?

R: Através da livre escolha com mediação do educador nos momentos precisos. Por meio dos estímulos, trabalhando a autonomia e independência.

8. Qual o papel do educador em uma classe mista?

R: O educador precisa ter um olhar sensível diante das crianças, intervindo quando for necessário.

9. Quais os benefícios que uma classe mista pode trazer às crianças e que não encontramos em uma classe seriada?

R: A interação entre diferentes faixas etárias.

10. Quais suas dificuldades diante do sistema Montessori?

R: Nenhuma.

APÊNDICE B – Registros de observação

Diário de observação:

Registro 1:

Iniciei minha observação em um colégio de rede privada, do município de Florianópolis, em uma turma mista (3 a 6 anos) no período matutino. Nesta classe havia uma professora, uma professora auxiliar, três crianças de 3 anos, onze de 4 anos e três de cinco anos, totalizando 2 professoras e 17 educandos. Aos poucos as crianças iam chegando, despediam-se dos responsáveis na porta e guardavam seu lanche na geladeira (caso houvesse necessidade), as que já sabiam escrever seu nome identificavam o lanche antes de guardar.

Em seguida cumprimentavam as professoras e buscavam um material para trabalhar, de acordo com a necessidade pegavam um tapete. Este processo é chamado de “trabalho pessoal”, embora algumas crianças trabalhassem em dupla dependendo do material. Os materiais são selecionados por gêneros, há a estante de linguagem, matemática, história e geográfica, vida prática, literatura (este fica em um lugar mais reservado), botânica, há vasos de flores e plantas pela sala, aquário, um mezanino com uma mesa e um colchão e um espaço com materiais de artes.

As professoras observam e auxiliam as crianças sempre quando necessário. Há um planejamento individual feito pela professora regente e durante o trabalho pessoal convida a criança a conhecer um novo material e apresenta. Esta apresentação demonstra como manusear o material, a professora faz e a criança observa. Depois a criança faz e a professora observa e auxilia caso precise. A professora interrompe o trabalho pessoal, pois haverá aula de música, pede para deixar os materiais como estão e aguardam a professora T. A aula de música foi em outra sala e as crianças seguiram em fila. Durante a aula cantaram e fizeram as coreografias das músicas infantis em linha e trabalharam com a percepção rítmica (lento, médio e rápido). Esta aula tem o intuito de desenvolver a sensibilidade, o conhecimento de variados instrumentos musicais, diferentes estilos de músicas, integração das crianças e o movimento do corpo.

A seguir voltaram para sala e sentaram na linha aguardando o comando. A professora M fez uma dinâmica para ir liberando um aluno por vez para o lanche, falava alguns adjetivos e as crianças tinham que adivinhar quem era o sujeito, e essa pessoa descia.

Ao chegar ao pátio onde é feito o lanche, lavam as mãos, sentam-se à mesa e abrem seus lanches. Quando precisa descascar alguma fruta a professora ajuda. Ao terminar o lanche as próprias crianças guardam seus utensílios dentro da lancheira e a guardam no local correto, caso tenham utilizado algum talher lavam, secam e guardam no pote da professora. Escovam os dentes e vão brincar no parque de areia.

No parque há alguns brinquedos como: escorregador, casinha de boneca, túnel, etc. Quando a professora chama para voltar para sala, as crianças seguem em fila até o banco do

pátio, tiram seus sapatos para tirar a areia (alguns já calçam sozinhos) e tomam água no bebedouro.

Voltam para sala e continuam o trabalho pessoal. Após a professora cantar a música: “chegou a hora de guardar o material”, cada criança guarda o material que estava trabalhando, organizam a sala (algumas crianças varrem e juntam a sujeira com a pá, outras tiraram pó das estantes com o espanador) e aos poucos sentam na linha.

Houve uma pequena discussão entre duas crianças para pegar a vassoura e a professora teve que intervir e conversou com as crianças fazendo com que refletisse sobre suas atitudes com o próximo.

Antes de partir conversam um pouco sobre a manhã, a professora parabeniza algumas crianças por suas atitudes, fala sobre a apresentação que haverá no teatro sobre hábitos de higiene, cantam algumas canções infantis (boneco de lata, olá dona chiquinha) e uma de despedida e encerra seguindo em fila até o parque para aguardar os pais/responsáveis buscalos.

Registro 2:

Durante a chegada das crianças a rotina ocorre da mesma forma, os pais acompanham as crianças até a porta e despedem-se. Então elas entram em sala, guardam seu lanche que necessitam ir à geladeira identificando com seu nome, alguns já vem identificado. Cumprimentam as professoras e buscam um material que desejam trabalhar naquele dia, podendo trocar de material quando desejar.

Neste dia, a professora M estava apresentando o sistema solar, começou a apresentar para duas crianças, mas aos poucos que as crianças iam chegando sentava-se ao redor para escutar a apresentação. Outras não quiseram escutar a apresentação e buscaram um material para trabalhar.

As crianças tem autonomia de pegar sua caneca e ir tomar água quando desejar, vão ao banheiro e se necessário pedem ajuda a professora, buscam areia no parque sozinhos para trabalhar com um material que necessita de areia, vão a biblioteca, trabalham com fogo (a professora acende uma vela e a criança queima o giz de cera para pintar), pregos (martelar o prego já fincado em uma tábua), picam frutas para servir para os amigos (professora sempre observando e auxiliando para realizar a atividade com segurança), enfim, fazem atividades com concentração, silêncio e observando o outro.

Nesta manhã uma criança de 3 anos escolheu trabalhar com o material de lavar o bebê, durante a atividade buscou a água para encher a banheira, pegou o sabonete e a toalha, lavou o bebê cuidadosamente, secou, jogou a água com sabonete fora (segurando a banheira com as duas mãos e andando bem devagar para não derramar) e após buscou um pano de chão para secar o onde havia molhado, a seguir estendeu o pano no varal com os pregadores de roupa. Neste processo trabalhou várias habilidades, além de ser uma atividade presente em seu cotidiano: tomar banho (higiene), é por isso que esta selecionado na categoria de materiais de vida prática. Realizou o processo corretamente, ensaboou todo corpo do bebê, enxugou, cuidou para não “afogar” e não ir espuma nos olhos do bebê, manejou com equilíbrio a banheira com água, organização e concentração, trabalhou o movimento de pinça ao estender o pano de chão no varal, tudo isso em um simples processo que para criança é algo prazeroso e escolhido por ela.

Após o trabalho individual seguem em fila para Ed. Física na quadra do subsolo. No término da mesma, seguem em fila até o banheiro, tomam água e lavam o rosto. Sobem para sala, buscam o lanche, e descem individualmente conforme o comando da professora e lancham na mesa do pátio.

Durante o lanche uma criança vem reclamar para professora que um colega empurrou, a professora pacientemente abaixa-se e diz para a criança ir até o colega e falar que não quer mais que a empurre, porque ela não gosta. A criança foi até o colega e falou exatamente o que a professora sugeriu, enquanto isso a professora observava. Com esta atitude da professora faz com que a criança tenha mais iniciativa e resolva seus problemas, sem que o adulto tenha que falar sempre por elas. Em uma outra oportunidade a professora diz para a criança que estava empurrando que nós não empurramos os amigos, sem haver uma punição ou castigo e

sim um diálogo, deixando claro que essa não é uma atitude correta. Conforme iam terminando seu lanche, organizavam seu local do lanche, escovavam os dentes e iam para o parque.

Ao voltar para sala continuaram fazendo seus trabalhos pessoais. Durante a atividade uma criança subiu em cima da cadeira do mezanino, como a menina já sabia que não podia fazer isso porque era perigoso a professora pede para descer e fala para menina que ela perdeu o direito de trabalhar no mezanino aquele dia porque não devemos subir na cadeira como já havia explicado. As crianças tem liberdade dentro da sala, porém os atos errados têm consequências. A menina apenas escutou a professora e buscou outro material para trabalhar.

A professora canta a música de guardar o material, as crianças ao escutar começam guardar e vão sentando na linha. Quando todos estão sentados a professora pega um pacote com lenço umedecido e pede para um por um pegar um lencinho, ir até o espelho, limpar o rosto e pentear o cabelo se necessário. Cantaram algumas músicas e em fila seguem para o parque aguardam os pais busca-los.

Registro 3:

A rotina segue da mesma maneira. As crianças tratam com naturalidade a minha presença dentro da sala, já estão acostumadas com os alunos do curso Montessori e estagiárias observando-os.

Toda quarta-feira as crianças vão ao teatro às 8hs, lá assistiram a apresentação de uma turma de primeiro período (seriada) abordando sobre as “palavras mágicas” (obrigada, por favor, com licença e desculpa), e mostraram algumas maneiras de utiliza-las em nosso dia a dia.

Depois assistiram o desenho do Cocoricó, falando sobre este tema. Após foram para o lanche, brincaram no parque e voltaram para sala. Sentados na linha tiveram aula de inglês.

Retornaram para o teatro para assistirem a apresentação da dança dos planetas. Nesta apresentação as professoras escolhem nove crianças para representar um planeta (segurando um planeta), e durante a música (que foi adaptada para a língua portuguesa de um curso montessoriano nos Estados Unidos, trago por um professor desta escola) as crianças fazem o movimento de translação (ao redor do sol). As professoras falam brevemente sobre cada planeta e a ordem deles no sistema solar. A ideia é muito bacana e dinâmica, ao cantar as crianças entendem o movimento que os planetas fazem e a ordem deles.

Voltam para sala e organizam-se para saída.

Registro 4:

Ao chegar as crianças buscam um material para trabalhar durante o “trabalho pessoal”. Por voltar das 9hs descem em fila para a Ed. Física, aguardam a professora chegar na quadra, porém este dia a mesma não compareceu. Durante o horário da aula extraclasse a professora deixa as crianças brincarem no tobogã.

Retornam para sala, a professora faz uma oração em linha e deixa aberto para cada criança fazer um pedido especial, como nenhuma criança fez, a professora pede para fazer um pedido ou um agradecimento mentalmente para o papai do céu. A cada dia a educadora faz uma dinâmica para liberar a criança para o lanche individualmente, neste dia a criança tinha que fazer uma leitura labial do nome que a professora chamava.

Lancham, escovam os dentes, brincam no parque, tiram a areia do sapato e tomam água.

Voltam para sala e continuam com o “trabalho pessoal”. Após a professora cantar a música para guardar o material, as crianças guardam, organizam a sala e vão sentando na linha. Quando todos estão reunidos a professora propõe uma lição de silêncio, no qual a criança recebia uma colher com uma pedrinha e tinha que levar equilibrando até um amigo. Os que recebiam a colher levavam para outro colega e se sentavam. Este é um trabalho de concentração e silêncio entre as crianças.

A manhã é encerrada com algumas canções infantis (lava roupa e estrelinha).

5° Registro:

É perceptível ao longo dos dias da semana, que se repete uma mesma forma de acolhida das crianças na sala. Durante o trabalho pessoal havia três crianças falando alto, então a professora canta: “a conversa esta ficando muito alta...”, e então as crianças diminuem o tom de voz. Isso faz com que a professora não precise chamar atenção em específico de uma criança, no entanto a criança que esta falando alto sabe que é com ela.

Antes do lanche trabalharam apenas com os materiais, e ao retornar do lanche ensaiaram a apresentação que irão realizar no teatro para as demais turmas. O tema é: higiene pessoal!

A manhã se encerra com a canção de despedida e a classe desce em fila até o parque de areia para aguardar os pais.

ANEXO

ANEXO I – Autorização de Imagens



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
 FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE SÃO JOSÉ
 CENTRO UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ

(AUTORIZAÇÃO DE IMAGENS – EDUCAÇÃO INFANTIL, ANOS INICIAIS e EJA)

O Curso de Pedagogia da USJ realiza visitas de campo, intervenções, observações participante nas Escolas do Ensino Fundamental, Centros de Educação Infantil das redes municipal, estadual e particular da Grande Florianópolis/SC, inclusive nas 6ª, 7ª, e 8ª fases.

Sendo assim, as (os) acadêmicas (os) necessitam registrar algumas de suas práticas geralmente utilizando de fotografias e /ou filmagens.

Nesse sentido, vimos solicitar aos senhores e pais/responsáveis a autorização para que possamos estar usando as imagens fotográficas e/ou fílmicas nos Relatórios da disciplina de Prática de Ensino.

Para isso pedimos que preencha e assine a autorização abaixo e a devolva brevemente para arquivamento.

Atenciosamente,

Coordenadora Curso de Pedagogia Coordenadora de Estágios da
 Pedagogia

AUTORIZAÇÃO

Eu _____,
 autorizo o uso das imagens de
 _____ conforme as necessidades
 dos acadêmicos da USJ, nos Relatórios da Disciplina de Prática de
 Ensino do Curso de Pedagogia.

São Jose, ____ / ____ / ____.

ASSINATURA _____

ANEXO II – Apresentação do acadêmico no campo



**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE SÃO JOSÉ
CENTRO UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ**

APRESENTAÇÃO DO ACADÊMICO NO CAMPO

Pesquisa do TCC

São José, 11 de abril de 2013.

Prezada Diretora,

O Curso de Pedagogia da USJ realiza visitas de campo, intervenções, observações participantes nas Escolas do Ensino Fundamental, Centros de Educação Infantil das redes municipal, estadual e particular da Grande Florianópolis/SC, inclusive nas 6^a, 7^a, e 8^a fases.

Nesse sentido, vimos apresentar a acadêmica *Daiany Portela*, regularmente matriculada no curso de Pedagogia da USJ para que possa realizar a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nessa Instituição, cuja temática de estudo é: Filosofia Montessori.

Como proposta de ação, a acadêmica precisa participar de uma sala de aula de turma mista, no período matutino.

A referida pesquisa é requisito obrigatório para a formação profissional, conforme Art. 65 da lei 9.394/96.

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos.

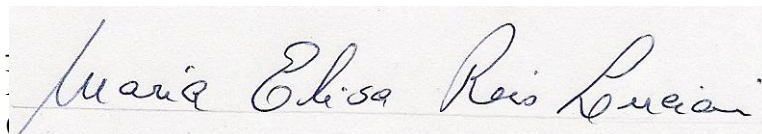
Orientadora do TCC

Coordenadora do Curso da Pedagogia

ANEXO III – Declaração de Revisão**DECLARAÇÃO DE REVISÃO**

Eu, MARIA ELISA REIS LUCIANI, brasileira, portadora de CPF nº 595.161.949-15 e cédula de identidade nº111. 586 SSP – SC, declaro, para os devidos fins, que realizei a correção gramatical e ortográfica do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: FILOSOFIA MONTESSORI: o desenvolvimento da individualidade da criança, elaborado pela acadêmica DAIANY PORTELA, do Centro Universitário Municipal de São José – USJ.

Por ser verdade, firmo a presente declaração em duas vias de igual teor.
Florianópolis, 14 de novembro de 2011



Curso de Revisão de Textos I, II e II, em 98/2, 99/1 e 99/2 – UFSC
Curso de Aprimoramento das Competências Textual e Linguística – Redação –
em 2002/2 – UNIVALI

Maria Elisa Reis Luciani
Rua Capitão Euclides de Castro, 288 – Coqueiros
CEP 88.080-010 – Florianópolis (SC)
Fones: + 55 48 3244.4524 + 55 48 8432.0080
e-mail: mariaelisa@sapienza.com.br